

# O FUTURO DO ABACATEIRO NA PENÍNSULA IBÉRICA

Iñaki Hormaza

Instituto de Hortofruticultura

Subtropical y Mediterránea la Mayora,

(IHSM-UMA-CSIC), Algarrobo-Costa, Málaga

A produção total de abacate no mundo ronda os 6 milhões de toneladas, sendo que a maioria está concentrada no continente americano. O México é o maior produtor mundial, com mais de 2 milhões de toneladas, representando mais de 30% da produção mundial. O sul da Península Ibérica é um caso único no cultivo de abacateiro, já que é a única região da Europa continental com uma produção comercial significativa. A produção está concentrada na costa mediterrânica da Andaluzia, especialmente nas províncias de Málaga e Granada, no Algarve (Portugal) e, em menor dimensão, nas províncias de Cádiz e Huelva e na Comunidade Valenciana. Atualmente existem cerca de 1000 ha de abacateiro no Algarve e cerca de 10 000 na Espanha continental.

O abacateiro (*Persea americana* Mill.) pertence à família das Lauráceas, que conta com 2850 espécies, distribuídas por 45 géneros, tanto de regiões tropicais como temperadas. No abacateiro, originário da América Central, distinguem-se três raças ou subespécies (mexicana, guatemalteca e antilhana), cujas diferenças se baseiam fundamentalmente nas preferências ecológicas e nas características dos frutos. As raças mexicana e guatemalteca estão adaptadas a climas menos quentes que a raça antilhana, típica dos climas tropicais. A maioria das cultivares de abacateiro comerciais são híbridas e as mais cultivadas na Península Ibérica, como ‘Hass’, ‘Bacon’, ‘Reed’ ou ‘Fuerte’, são híbridos entre guatemaltecos e mexicanos.

O cultivo de abacateiro na Península Ibérica tem uma série de pontos fortes como a existência de um mercado consolidado, uma crescente procura mundial nos últimos anos, com preços atrativos, a existência de um pacote tecnológico já disponível, a sua capacidade de adaptação a diferentes zonas edafoclimáticas, a existência de poucas pragas, a proximidade com o mercado europeu e a possibilidade de colheita da fruta durante vários meses do ano.



No entanto, esta cultura também enfrenta uma série de ameaças que seria importante ter em conta e resolver, para garantir a rentabilidade a médio/ longo prazo das novas plantações. Assim, entre elas, podemos destacar:

## A baixa produtividade do abacateiro

Este é um problema geral nesta cultura em que a percentagem de flores que dão origem a frutos é inferior a 0,15%. Trabalhos realizados no meu grupo de investigação demonstram que essa baixa percentagem de frutificação se deve a fatores intrínsecos e extrínsecos à cultura. Entre os intrínsecos, o principal é o facto de que grande parte das flores não produzem frutos, mesmo que sejam polinizadas, devido à baixa qualidade da flor. Para melhorar a qualidade da flor, recomenda-se uma adubação adequada durante os meses de inverno. Em relação aos fa-

tores extrínsecos, o principal é a polinização. A necessidade de plantar árvores polinizadoras deve ser avaliada em cada caso [para a ‘Hass’ elas têm que ser variedades de tipo floral B (‘Fuerte’, ‘Ettinger’, ‘Bacon’, ‘Edranol’, ‘Zutano’)] bem como a presença de insetos polinizadores. A abelha é o inseto mais utilizado em todo o mundo, mas mesmo com mais de 20 colmeias por hectare, a percentagem de flores que recebem pólen é muito baixa, por isso é aconselhável aumentar a diversidade de insetos polinizadores através do uso adequado de coberturas vegetais.

## Alternância de produções

O abacateiro tem tendência para a alternância de produções entre anos de alta e baixa produção. Para controlar essa alternância, recomenda-se o bom uso da poda, para regular a carga de flores e frutos das árvores; assim, é recomendada nos anos



de alta carga floral, uma eliminação de flor para evitar um vingamento excessivo.

### Pragas e doenças

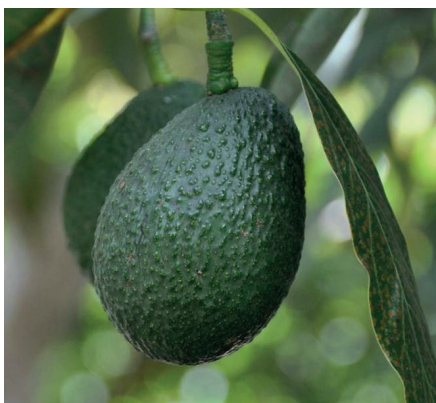
Ao estar longe da área de origem da cultura, não há muitas pragas preocupantes no abacateiro. O mais importante é o ácaro cristalino (*Olygonichus perseae*) que foi introduzido na Europa há cerca de 10 anos, provavelmente devido à importação de material vegetal sem controlo fitossanitário. De facto, a importação cada vez mais importante de abacates de diferentes origens para a Europa significa que estamos em constante risco de importar pragas que podem colocar em risco o cultivo do abacateiro na Península Ibérica. Por outro lado, existem problemas com fungos do solo, principalmente a *Phytophthora cinnamomi* e a *Rosellinia necatrix*. Para o primeiro, existem porta-enxertos clonais com tolerância, como o Duke7, Dusa ou Toro Canyon. Para o segundo, há um programa de melhoramento genético em Espanha, com diferentes seleções avançadas com tolerância ao fungo.

### Qualidade e quantidade de água

O abacateiro é uma cultura que necessita ser regada praticamente ao longo de todo o ano, para obter uma produção adequada. No caso da Península Ibérica, estima-se que seja necessário um mínimo de 6000 a 7000 m<sup>3</sup> por hectare e ano, dependendo das zonas. Mas, além disso, essa água deve ser de alta qualidade, com baixa condutividade. Existem vários programas de melhoramento para obtenção de porta-enxertos mais tolerantes à água de pior qualidade; entre os porta-enxertos disponíveis podemos referir o Maoz ou o Nachar.

### Excessiva dependência de uma única variedade – Hass

Em 1926, Rudolf Hass, um carteiro de Pasadena (Califórnia) fez uma plantação de



abacates e, de um deles em que o enxerto não pegou, desenvolveu-se uma árvore que produzia frutos da cor preta. Em 1935, Hass decidiu patentear a sua variedade de abacateiro com o seu nome, patente essa que expirou pouco tempo antes de sua morte, em 1952. Naquela época, e até ao início da segunda metade do século XX, a variedade de referência no abacateiro era a 'Fuerte', que produz frutos de pele lisa e cor verde ao amadurecer. A introdução de uma nova variedade no mercado foi lenta, até ao momento em que se lançou uma forte campanha de marketing e se conseguiu mudar a percepção do abacate de uma fruta verde e pele lisa para uma fruta preta com uma pele rugosa. Assim, só em 1972 é que a produção total de 'Hass' na Califórnia excedeu a de 'Fuerte'. Atualmente a 'Hass' é a variedade de referência mundial e a que domina completamente o mercado mundial de abacate. No entanto, esta aposta por parte dos comerciantes de abacate em todo o mundo para uma única variedade é um caso único em culturas frutícolas e torna difícil para o consumidor distinguir o produto local do produto importado. Na Península Ibérica é possível produzir abacate durante todo o ano com uma combinação ótima de uma série de variedades (por exemplo 'Bacon', 'Fuerte', 'Hass', 'Lamb Hass' e 'Reed'), mas atualmente os produtores ibéricos produzem 'Hass' por alguns meses (cada vez por menos meses) e no resto do ano as empresas, para garantir uma continuidade de fornecimento aos seus clientes, importam frutos de 'Hass' de países terceiros, para voltarem a exportá-los para o mercado europeu. Além do risco de entrada de pragas e doenças presentes noutros países, a longo prazo, essa estratégia pode ser um problema para os nossos produtores, pois há cada vez mais concorrência nos mercados europeus e os nossos custos de produção são maiores do que em outros países. Além disso, a dependência de uma única variedade torna a cultura extremamente vulnerável a pragas ou doenças que afetam especificamente essa variedade. Obviamente, o apoio a outras variedades complementares à 'Hass' precisaria de um importante trabalho de promoção entre os consumidores, que, de maneira maioritária, já costumam identificar o abacate com as características típicas de 'Hass'. Mas isso foi precisamente o que fez a "Hass" destronar a "Fuerte" como a variedade de referência em todo o mundo.

### A ausência de denominação de origem

No caso da Espanha, o aumento crescente dos importadores de abacate para reexportar para o mercado europeu fez com que não fosse desenvolvida uma denominação de origem ou marca de país que distinga claramente o abacate produzido na Europa do de outras origens. Isto pode tornar-se um problema para os produtores, uma vez que, considerando que a produção combinada de Espanha e Portugal não atinge 10% do consumo de abacate na Europa, a possibilidade de vender a um preço melhor um abacate produzido localmente está a ser desperdiçada. Com o constante aumento da produção de abacate em muitos países, corre-se o risco de uma queda generalizada dos preços pagos ao agricultor. ■

